



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*ACERVOS ESCOLARES: ESPAÇO DE SALVAGUARDA E PRESERVAÇÃO DO  
PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO*

**Eduardo Arriada<sup>1</sup>  
Elomar Tambara<sup>2</sup>  
Vanessa Barrozo Teixeira<sup>3</sup>**

**RESUMO:** Neste artigo os autores procuram salientar os desafios relativos à garimpagem e a conservação de documentos que tratam da realidade escolar. Documento na acepção de Le Goff considerado resultado de uma montagem (consciente ou não) de uma determinada sociedade. Que elimina, preserva e manipula. Assim, dialogando com a história, com a museologia e outras áreas afins, utilizando como suporte teórico, autores como Le Goff, Ginzburg, Pesez, Viñao, Julia, Meneses, Bruno, Chagas e Cury, buscamos discutir a relevância de políticas públicas de preservação de acervos escolares; a conservação desses documentos, sua natureza e potencialidades para a investigação no campo da educação.

**Palavras-chave:** Cultura material escolar. Museologia. Acervos escolares. História da Educação.

*COLLECTIONS SCHOOL: SAFEGUARD AND PRESERVATION SPACE OF  
HISTORICAL AND EDUCATIONAL HERITAGE*

**ABSTRACT:** In this article the authors seek to emphasize the challenges relate to searching and conservation of documents that deals with the school reality. Document as Le Goff's meaning considered the result of an assembly (conscious or not) of a particular society. Who eliminates, manipulates and preserves. So, dialoguing with history, museology and other related areas, using as theoretical support, authors such as Le Goff, Ginzburg, Pesez, Viñao, Julia, Meneses, Bruno, Chagas and Cury, we discuss the relevance of public politics to preserve collections school, the conservation of these documents, their nature and potential for research in the field of education.

**Keywords:** School material culture. Museology. Collections school. History of Education.

*ACERVOS ESCOLARES: ESPACIO DE SALVAGUARDA E PRESERVACIÓN DEL  
PATRIMÓNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO*

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação; Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) pela UFPel, fazendo parte do Departamento de Fundamentos da Educação e atuando na linha de Filosofia e História da Educação. Membro do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE).

<sup>2</sup> Doutor em Educação; Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e da Faculdade de Educação (FAE) da UFPel, fazendo parte do Departamento de Fundamentos da Educação e atuando na linha de Filosofia e História da Educação. Membro do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE).

<sup>3</sup> Bacharel em Museologia e Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) pela UFPel, atuando na linha de Filosofia e História da Educação. Membro do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE), da FaE/UFPel. Bolsista CAPES



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*ACERVOS ESCOLARES: ESPAÇO DE SALVAGUARDA E PRESERVAÇÃO DO  
PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO*

**RESUMEN:** En este artículo los autores pretenden poner de relieve los desafíos de la pesquisa y la conservación de los documentos relacionados con la escuela. Documento en el sentido de Le Goff que considera como el resultado de una montaje (consciente o no) de una sociedad en particular. Que elimina, manipula y conserva. Por lo tanto, el diálogo con la historia, con la museología y otras áreas relacionadas, con apoyo teórico de autores como Le Goff, Ginzburg, Pesez, Viñao, Julia, Meneses, Bruno, Chagas y Cury, se discute la pertinencia de las políticas públicas para preservar los acervos escolares, la conservación de estos documentos, su naturaleza y potencial para la investigación en el campo de la educación.

**Palabras-clave:** Cultura material escolar. Museología. Acervos escolares. Historia de la educación.

## **INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem como pressuposto relatar o papel desempenhado pelo CEIHE (Centro de Estudos e Investigações em História da Educação), particularmente sob o ponto de vista de sua inserção e luta pela preservação da memória escolar. Guardar/preservar/disponibilizar tem sido “o mote” de diversas reuniões, discussões e empenho de seus membros.

Entre diversas preocupações, busca-se formar pesquisadores que investiguem temas em história da educação. Não aquela visão reducionista que entendia ter a história da educação como objetivo principal o estudo dos grandes sistemas públicos de educação, salientando particularmente a ação do estado, ou por outro lado, a história do pensamento pedagógico. No rastro das novas correntes historiográficas, novos objetos, novos problemas e novas abordagens dinamizavam nossas práticas. Agora temas como a cultura material escolar, a estrutura interna das escolas, seus programas e currículos, os manuais escolares, os agentes educacionais, estão nas nossas análises, assim como, os sistemas educacionais. Desse modo, o estudo de diversos teóricos se impôs ao natural. Preocupávamo-nos progressivamente em acompanhar o debate teórico-metodológico, incorporando categorias teorizadas de outras áreas das ciências humanas.

Desse modo, entendemos serem altamente proveitosos para compreendermos as práticas cotidianas os estudos desenvolvidos por Julia (2001), e Frago (1995), sobre a “cultura escolar”.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

***ACERVOS ESCOLARES: ESPAÇO DE SALVAGUARDA E PRESERVAÇÃO DO  
PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO***

Há um bom tempo, Julia já percebia a imensa dicotomia entre dois tipos de produção na área da história da educação. De um lado, uma história institucional que se apóia mais em textos regulamentares ou normativos do que no funcionamento social das escolas, e que acaba em grande parte rejeitando para o lado da sombra a educação extra-escolar. De outro lado àquela história preocupada com o projeto e utopias dos grandes pedagogos.

Ou seja, como nos fala Julia, devemos abrir a “caixa preta” da escola.

Trabalhando principalmente sobre textos normativos, os historiadores da pedagogia tenderam sempre a superestimar modelos e projetos e a constituir, no mesmo lance, a cultura escolar como um isolamento (...). É de fato a história das disciplinas escolares, hoje em plena expansão, que procura preencher esta lacuna. Ela tenta identificar, tanto através das práticas de ensino utilizadas na sala de aula como através dos grandes objetivos que presidiram a constituição das disciplinas, o núcleo duro que pode constituir uma história renovada da educação. Ela abre, em todo caso, para retomar uma metáfora aeronáutica, a “caixa preta” da escola, ao buscar compreender o que ocorre nesse espaço particular. (JULIA, 2001: 12/13)

Frago (1995: 68), reitera que afirmar ser a escola uma instituição, é uma obviedade, assim como falar que existe uma cultura escolar. Precisamente por ser a escola uma instituição é que podemos falar de cultura escolar e vice-versa. O que resulta difícil é pôr-se de acordo sobre o que implica ser a escola uma instituição e sobre o que seja cultura escolar, ou se não seria preferível falar, no plural, de culturas escolares.

Assim, se a educação cumpre um papel estabelecido pela sociedade, caracterizando-se como uma instituição, pode-se dizer que certas práticas: atitudes, projetos, gestos, discursos, modelos, acabam cristalizando-se na escola. Essas culturas escolares nos termos definidos por Frago (1995: 68), nos possibilitam um outro olhar dos aspectos internos da instituição escolar, tais como: o espaço físico, o tempo escolar e as práticas discursivas. Do mesmo modo, amplia a discussão, o debate, a forma e a maneira de ver, sentir e escrever a história da educação.

O impacto atual da Nova História Cultural na área da educação não pode ser desconsiderado. Temas antes pouco abordados passam a serem valorizados: história da infância, das mulheres, da sexualidade, da leitura, etc. “Sentimentos, emoções e mentalidades também passam a fazer parte da História [...] a História se aproximou de



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**ACERVOS ESCOLARES: ESPAÇO DE SALVAGUARDA E PRESERVAÇÃO DO  
PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO**

ciências como a Antropologia e a Lingüística, que lhe propuseram novos olhares e novas ferramentas conceituais que possibilitaram um refinamento da análise” (LOPES & GALVÃO, 2001: 39/40). Por sua vez, antigos temas como: histórias das idéias pedagógicas, das instituições escolares, políticas públicas, ganham uma nova roupagem.

A retomada de “velhos objetos” de investigação, sob perspectivas que, realçando-lhes aspectos antes descuidados, tornam-nos “novos” aos nossos olhos, merece algumas reflexões. O primeiro ponto a sublinhar diz respeito a uma questão de fundo, que põe em relação esta retomada de “velhos objetos” e a demarcação de fronteiras entre história da educação e história cultural. Com efeito, esta demarcação é hoje especialmente problemática, na medida em que o campo tradicionalmente relegado à história da educação vem sendo progressivamente ocupado e redefinido pelas investigações da nova história cultural. A ênfase no estudo dos processos de circulação e apropriação culturais vem fazendo com que esta privilegie, como constitutivos de seu próprio campo de investigação, estudos relacionados a questões educacionais, que vinham de certa forma sendo relegados pela produção historiográfica anterior a uma situação de desprestígio intelectual e institucional. (NUNES & CARVALHO, 1993: 46)

Não possuindo um campo por demais fechado, a história da educação tem progressivamente se apropriado de categorias de outras áreas das ciências humanas provocando um debate frutífero e instigante, e às vezes inovador. “Uma das marcas da História da Educação hoje é exatamente seu diálogo permanente com a produção historiográfica propriamente dita e seus arcabouços teóricos e metodológicos” (LOPES & GALVÃO, 2001: 44).

O balanço feito em 1974 “Faire de l’histoire” sob a direção de Jacques Le Goff e Pierre Nora apontava o triunfo da Nova História. Enfim, fazer história anuncia a passagem de um paradigma onde a análise macro-econômica era essencial para uma história que focaliza os sistemas culturais compreendidos em um sentido muito amplo. (BOUTIER & JULIA, 1998: 27)

Anos depois, os novos balanços feitos por: Jacques Le Goff, “A História Nova” (1978), “Dicionário das Ciências Históricas” (1986) de André Burguière (Direção) e “Passados Recompuestos: campos e canteiros da história” (1998), organizado por Jean Boutier e Dominique Julia, mostram que já não era mais possível continuarmos tão crentes nas certezas afirmadas.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

***ACERVOS ESCOLARES: ESPAÇO DE SALVAGUARDA E PRESERVAÇÃO DO  
PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO***

A fragmentação da disciplina fez-se acompanhar de novas críticas, novas posturas, novas maneiras de fazer história.

Frente a essas divergências, ameaças e rupturas, que papel a história ainda tem a desempenhar? Para Boutry (1998: 75), três atitudes audaciosas cabem ao historiador: a redescoberta do arquivo, ou seja, o resgate do documento; a tomada de consciência das especificidades da narrativa histórica; e por fim, a reintrodução da noção de sentido.

Não é de agora que os historiadores se interrogam sobre o estatuto de sua própria disciplina (BOUTIER & JULIA, 1998). Pensar e refletir sobre as correntes historiográficas atuais, mesmo que “a priori” opte-se por uma, é dever de todo pesquisador preocupado com a compreensão do passado enquanto sujeito que busca compreender o presente.

Mais do que nunca, o historiador pretende construir fatos “reais”, mesmo se essa verdade for parcial, imperfeita, por vezes insatisfatória. Não há trabalho histórico sem produção erudita de dados, apoiada em documentos que não podem assumir um sentido qualquer, ao sabor da subjetividade ou parcialidade do historiador. Mas nem por isso este abdicou de sua verdadeira ambição, que é a de dar sentido aos processos históricos (BOUTIER & JULIA, 1998: 51).

Para Nunes & Carvalho (1993: 46) essa ocupação de território, bem como, a utilização das mais variadas fontes para fazer história, tem ocorrido de diversas maneiras. Como expressão de um interesse pela escola, enquanto uma das instituições mediadoras; pela importância que adquire para estudos sobre os usos dos bens culturais, a determinação rigorosa dos níveis de alfabetização e escolarização; pela produção maciça de informações sobre história do impresso e da leitura. Por último, mas não menos importante, a adoção de referenciais teóricos, como é o caso do conceito de “prática cultural”, acaba traduzindo-se em desafios metodológicos para a pesquisa em história da educação, especialmente no campo da história das instituições escolares.

Se antes esses objetos de estudo eram de domínio exclusivo da história da educação, hoje a nova história cultural rompe com essa exclusividade e impõe um novo ordenamento no campo disciplinar.

É sobretudo no campo da história das instituições escolares que o impacto da história cultural da sociedade é mais complexo. Não somente porque a escola



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

***ACERVOS ESCOLARES: ESPAÇO DE SALVAGUARDA E PRESERVAÇÃO DO  
PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO***

se torna um objeto de grande interesse para ela, mas principalmente porque a massa de estudos produzida sobre questões de produção, circulação e apropriação culturais abre novas perspectivas e põe novos problemas à investigação. Isso implica, por um lado, que os resultados destes estudos sejam conhecidos e, quando for o caso, incorporados e, por outro, que procedimentos de análise sejam refinados de maneira a que se dê conta do modo pelo qual as práticas escolares funcionam enquanto dispositivos de transformação material de outras práticas culturais e de seus produtos. (NUNES & CARVALHO, 1993: 49/50)

Dentro do contexto atual, não cremos ter-se alcançado, ou ao menos ser possível definir qual é efetivamente o campo disciplinar da história da educação. “Pedagogia, ciências ou ciências da educação e, até mesmo, a negação de uma identidade epistemológica autônoma são algumas das posições encontradas na literatura” (BRANDÃO, 1998: 100).

A aproximação com a Nova História Cultural, se por um lado o canto das sereias nos seduz profundamente, por outro lado, deve-se ser prudente como Ulisses. Saber utilizar as novas ferramentas da história cultural, sem, contudo cair num vale tudo científico, como alguns autores já têm alertado.

São essas questões atuais e a preocupação de que se incorra numa salada de fruta epistemológica, que percebemos como o grande desafio da história da educação. A capacidade de produzir objetos de pesquisa pertinentes ao campo, sem perder, contudo o diálogo permanente, proveitoso e enriquecedor com as outras áreas do conhecimento.

## **1. AS FONTES: CONTAR OS FATOS, ESCREVER A HISTÓRIA.**

O historiador atual sabe que é impossível reconstituir o passado tal qual ele um dia foi. Quando muito podemos recuperar facetas, partes de um todo muito mais complexo, dinâmico e pulsante. Por mais sério, competente, organizado e metódico que seja o pesquisador, as fontes que irá utilizar numa certa dose, já estão pré-estabelecidas, ou seja, no seu longo processo de manutenção e tentativa de preservação alguns documentos foram mais valorizados que outros, no geral, sobrevivem muito mais documentos de caráter oficial. Essa é uma das razões que durante muito tempo os



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**ACERVOS ESCOLARES: ESPAÇO DE SALVAGUARDA E PRESERVAÇÃO DO  
PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO**

historiadores da educação, construíram trabalhos que privilegiavam o institucional em detrimento da cultura escolar.

Outros tipos de fontes, indiferente do seu valor intrínseco, muitas vezes são relevantes pela visão de sociedade que o pesquisador carrega. Outro aspecto a salientar-se é que certos documentos contam muitas vezes com uma margem de acaso, sorte, imprevisibilidade. Quem não gostaria de ter em mãos cartas particulares de professores do século XIX, ou quem sabe um rico acervo iconográfico retratando a escola, o pátio, a sala de aula, ou ainda, os cadernos escolares dos alunos. Às vezes, a sorte ajuda e isso não é só competência. Num país como o nosso, em que as condições de preservação são precárias, que as autoridades públicas e privadas muito pouco estão preocupadas, que a população como um todo está literalmente “se lixando” com o passado, cabe há alguns abnegados, enlouquecidos, fanáticos, a montagem de acervos ricos e essenciais para recontarmos aspectos da nossa educação pretérita. Pois de fato, há “uma história da educação ameaçada” (MAGALHÃES, 1996: 01).

Nos dias atuais, a diversidade e variedade de fontes podem, num primeiro momento, deixar atônito um pesquisador despreparado, contudo, sabendo utilizar com critérios previamente estruturados, poderá ser de grande proveito essa “miscelânea” de documentos. Sabemos que, por si só, os documentos não falam, nem podemos fetichizar o seu valor, eles adquirem importância, ou até mesmo um grande valor, não apenas pela importância que possam ter, pelo ineditismo, e/ou por novos dados que possibilitam um novo olhar, tudo isso existe, mas acima disso estão às perguntas que iremos formular a esses documentos, que questionamentos, indagações. Devemos procurar aquilo que nem sempre vem explícito. Quem produziu o documento, com que objetivos? Como foi conservado ao longo do tempo; encontra-se inteiro, fracionado, sofreu modificações, existem variantes; outros documentos similares podem corroborar o que foi dito ou então negar?

Não devemos imaginar ser possível “alcançar a instituição em si, como se houvesse uma essência institucional a ser descrita [...] a história das instituições escolares não é um relato ou recitação de acontecimentos, mas uma narrativa com interpretação, releituras que se apresentam na dimensão de representação, de uma versão da história institucional” (WERLE, 2004: 14/15).



Mesmo sendo a história uma narrativa, conforme afirmativa de Chartier, e estando “abalada em suas certezas mais profundas [...] a realidade não deve mais ser pensada como uma referência objetiva, externa ao discurso, mas como constituída pela e na linguagem” (CHARTIER, 2002: 88).

Nesse esforço de representação, no “sentido de tornar presente o que está ausente” (WERLE, 2004: 15). Essa busca de presentificação do ausente dá-se por meio das mais diversas provas: pistas, indícios, rastros, imagens, dados estatísticos, estatutos, entre outros documentos.

O historiador vale-se de materiais para transformá-lo em história. Elabora uma manipulação que, como as outras, obedecem às regras. Transforma informações primárias em informações secundárias, transporta de uma região da cultura (as “curiosidades”, os arquivos, as coleções, etc.) para outra, a história. (CERTEAU, 2000: 79)

Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Este gesto consiste em “isolar” um corpo, como se faz em física, e em “desfigurar” as coisas para constituí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto, proposto a priori. (CERTEAU, 2000: 81)

Desse modo, fazer história é uma prática. E é nesta fronteira mutável, como explicita Certeau (2000: 78), entre o dado e o criado, e finalmente entre a natureza e a cultura, que ocorre a pesquisa. O ato de falar sobre o passado, de escrever a história, transforma o dado no construído.

## **2. CEIHE: DA GARIMPAGEM, COLETA E PRESERVAÇÃO, À PRÁTICA DA ORGANIZAÇÃO, ACESSIBILIDADE E DISPONIBILIDADE PARA A PESQUISA.**

Numa luta constante, numa batalha permanente, num desafio inimaginável, quase quixotesco, um pequeno grupo de altruístas, conversando, trocando idéias,



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

***ACERVOS ESCOLARES: ESPAÇO DE SALVAGUARDA E PRESERVAÇÃO DO  
PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO***

“prosando” ao ritmo e volteio do sempre presente chimarrão, cria no já distante ano de 2000, o CEIHE, isto é, Centro de Estudos e Investigações em História da Educação, vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Buscava-se reunir um grupo de pesquisadores na área de história da educação. Sua concepção em grande parte esteve norteadada pelos debates e abordagens desse campo, onde despontam temas como: história das instituições escolares, cultura escolar, cultura material escolar, impressos estudantis, manuais escolares, cartilhas, memórias de professores, etc.

Em relação à organização e estrutura funcional, o CEIHE subdivide-se em dois setores com atuação relativamente diferenciada, mas estreitamente interligada: um Centro de Documentação, e um Centro de Pesquisa.

Enquanto Centro de Documentação enfatiza a história da educação, em particular a história da educação da região. Neste sentido, procura:

- Recuperar a memória da história da educação regional preservando todo o tipo de material e constituindo acervos documentais temáticos;
- Disponibilizar um acervo documental (fontes impressas, manuscritas e iconográficas);
- Constituir um acervo de dissertações e teses produzidas no campo da história da educação;
- Reconstituir a materialidade das rotinas e do cotidiano escolar: carteiras escolares, mesas, lousas, lápis, canetas, palmatórias, cadernos escolares, manuais escolares, etc.;
- Recolher e catalogar materiais doados por instituições ou pessoas;
- Promover exposições e mostras sobre história da educação.

Como Centro de Documentação, o primeiro grande desafio foi vencer o grande obstáculo da exigüidade do espaço físico. A Universidade Federal de Pelotas como de resto a maioria das universidades brasileiras, restringe-se de uma área física mais otimizada para as suas atividades. O CEIHE vem obtendo sucesso, embora de forma lenta. Desde 2001, o espaço físico tem sido ampliado, sendo que em 2004, outra área mais ampla foi cedida pela Universidade. Atualmente o acervo se constitui de alguns



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

***ACERVOS ESCOLARES: ESPAÇO DE SALVAGUARDA E PRESERVAÇÃO DO  
PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO***

milhares de títulos, de modo especial, manuais e textos escolares que, sem dúvida, representam à história, o cotidiano, a rotina, as práticas do campo da educação escolar. O acervo encontra-se em processo de catalogação e classificação no sistema Winisis, devendo estar disponibilizado em pouco tempo via on-line. Esta disponibilização virtual tornará o acervo ainda mais acessível, além de auxiliar na sua conservação e divulgação.

Em relação à cultura material escolar, o acervo do centro de documentação disponibiliza ao grande público, carteiras escolares, ardósias, coleções de lápis, tinteiros, borradores, cadernos escolares, canetas, penas, estojos, flâmulas, boletins, cadernetas, materiais para as aulas de desenho, entre outros objetos que nos permitem compreender aspectos dessa cultura material (TAMBARA, 2005: 143).

Enquanto centro de pesquisa, o CEIHE tem como objetivos:

- Fomentar a pesquisa historiográfica;
- Desenvolver investigações individuais e coletivas sobre diversos temas no campo historiográfico educacional;
- Proporcionar pesquisas e estudos comparados;
- Produzir trabalhos científicos e divulgá-los em diferentes fóruns;
- Manter sessões de estudos de caráter teórico-metodológico;
- Promover debates e seminários específicos;
- Dar suporte aos alunos durante a fase de preparação de monografias, artigos, dissertações e teses.

### **3. PESQUISA E COMUNICAÇÃO DE ACERVOS ESCOLARES: O PAPEL DESENVOLVIDO PELO CEIHE.**

O trabalho desenvolvido pelo Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE) enquanto um Centro de Documentação e Pesquisa acaba tendo como base muitos dos princípios da Museologia, ciência que tem como um dos seus objetos de estudo a relação do homem com a cultura material. Segundo Chagas (2005:59) dentre estes princípios estão preservar, comunicar e investigar esses bens



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**ACERVOS ESCOLARES: ESPAÇO DE SALVAGUARDA E PRESERVAÇÃO DO  
PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO**

culturais, que foram selecionados por uma determinada sociedade e que ao serem reconhecidos como tal, devem ser preservados como herança patrimonial. É com base nestes princípios, e através de todo trabalho que vem sendo desenvolvido que o CEIHE acaba de certa forma, musealizando o seu acervo. Este processo de musealização diz respeito a toda trajetória que os objetos perpassam desde que começam a fazer parte de um acervo, passando pelos processos de seleção, documentação, conservação e comunicação.

[...] a Museologia tem um espaço próprio de experimentação, análise e sistematização de seu objeto de estudo. Articula-se em função dos processos de musealização das referências patrimoniais que têm sido preservadas e tem potencialidade de transformá-las em heranças culturais. Por sua vez, estes processos estão voltados, especialmente, para a relação entre o **Homem** (público/sociedade) e o **Objeto** (coleção/patrimônio) em um **Cenário** (museu/território) (BRUNO, 1997:14).

É importante frisar que a musealização dos objetos faz com que estes percam a sua função primária e adquiram significado de bem cultural, de herança cultural que deve ser preservada, ao mesmo tempo em que são constantemente acrescidos de novos significados. No caso específico dos objetos que fazem parte do acervo do CEIHE, estes se transformam em documentos, processo que para Meneses (2005:40) é o eixo da musealização, e representam as memórias de uma época, de uma cultura, de antigos processos educacionais que não podem cair no esquecimento. Logo, é baseada nesta ideia que Cury (2005:25) atesta que “[...] como testemunho, o objeto deve ser preservado: preservar para ensinar, preservar para comunicar”.

Dentro dessa perspectiva, destacam-se dois momentos que têm ocorrido de maneira periódica: a) o Encontro de História da Educação em Debate; e b) a Mostra de História da Educação em Pelotas. Estes são dois espaços privilegiados para o Centro, pois nos permitem de uma forma mais intensa evidenciar um trabalho que muitas vezes é realizado no recôndito das bibliotecas, escolas, institutos, acervos privados, que, em determinadas circunstâncias, obliteram o trabalho dos investigadores.

Quanto às “mostras”, as temáticas privilegiadas, revelam a preocupação com temáticas específicas da história da educação da região, particularmente de Pelotas. Até o presente momento foram realizadas as seguintes mostras:



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

***ACERVOS ESCOLARES: ESPAÇO DE SALVAGUARDA E PRESERVAÇÃO DO  
PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO***

1. História da Educação em Pelotas, 2001
2. Cartilhas escolares na educação pelotense, 2002
3. Os impressos da Faculdade de Educação (1970-2003), 2003
4. Almanques e álbuns na história da educação pelotense, 2004
5. Mostra biblio-iconográfica: etnia e educação, 2011.

Esta última ainda encontra-se em fase de apresentação, estando dividida em quatro exposições de curta duração: os afro-brasileiros, os teuto-brasileiros, os ítalo-brasileiros, e os luso-brasileiros. Nesse conjunto de etnias e educação, a mostra tem a preocupação de “mostrar” a enorme riqueza do material, desde impressos, manuais escolares, livros de leitura, cartilhas em alemão, italiano, e ainda cartilhas editadas em Portugal e no Brasil, cadernos escolares, atlas, etc. Ao total são mais de 2000 itens, entre obras didáticas e objetos da cultura material escolar. Por si só, demonstram a riqueza cultural da cidade de Pelotas e regiões limítrofes.

A exposição é considerada com um dos principais meios de comunicar um acervo, sendo responsável por tornar os objetos acessíveis e ao mesmo tempo, por possibilitar a interação com o público. Planejar e organizar exposições requer além da pesquisa e dos procedimentos curatoriais, a seleção prévia dos objetos, o que demonstra que as exposições não são neutras, existindo sempre um discurso, uma linguagem que permeia sua concepção e planejamento.

[...] é relevante apontar a exposição (discurso museológico) como o centro e a unidade de análise básica para a Museologia. [...] é pertinente apontar que a exposição possa ser o “espaço e tempo” deflagradores da socialização preservacionista do patrimônio, como também, “o espaço e tempo” convergentes para a aplicação do exercício museológico e a sistematização necessária (BRUNO, 1997:18).

Além disso, ela também possui um público-alvo, neste caso específico, definido por pesquisadores, estudantes e interessados em história da educação. Pensando neste público é que as exposições não devem ter apenas o objetivo da simples contemplação, mas sim, devem buscar reduzir o espaço existente entre o artefato e o indivíduo, entre o passado e o presente, deve ser uma experiência única que permita que uma pluralidade



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*ACERVOS ESCOLARES: ESPAÇO DE SALVAGUARDA E PRESERVAÇÃO DO  
PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO*

de significados sejam produzidos, expressos e compartilhados. São esses os objetivos esperados pelas exposições que estão sendo produzidas pelo CEIHE, que elas sejam espaços de interação, reflexão, e construção de conhecimento.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A criação de um Centro de Estudos e Investigações em História da Educação, ganha visibilidade e ênfase ao salientar o papel desempenhado não apenas em relação às possibilidades reais de desenvolvimento de pesquisa, mas também, pelo caráter de preservação, catalogação e divulgação do acervo constituído.

Partindo-se do pressuposto que as diversas fontes são resíduos que nos permitem recuperar parte de nossa memória, sendo elas indicativos das representações de determinadas épocas, “relewa de importância o desenvolvimento de uma preocupação intencional e coletiva com a geração, manutenção, organização, disponibilização e preservação das múltiplas formas de fontes” (SAVIANI, 2004: 09/10).

Sabemos das precariedades de conservação de diversos arquivos por parte de nossas instituições (escolas, bibliotecas, institutos). Sabemos ainda a falta que sofrem para conseguirem condições razoáveis de preservação desses acervos. Conhecemos bem essa nossa realidade. Temos conhecimento de algumas iniciativas meritorias, tanto no que diz respeito à guarda, catalogação e cuidados na preservação, assim como a preocupação em disponibilizar esse material aos mais diversos pesquisadores. Mas, também sabemos que apenas boa vontade e empenho não são suficientes. Precisamos sim, de políticas sérias voltadas para a catalogação, conservação e acessibilidade desses acervos. E isso se faz com seriedade, responsabilidade, carinho, bom senso e dinheiro.

Dessa forma, almejamos enquanto Centro de Documentação e Pesquisa engajado com a salvaguarda e a acessibilidade dos acervos escolares que carregam consigo a história da educação brasileira, continuar nesta saga de preservação articulando com diversas áreas do conhecimento, em específico com a Museologia. Dando seguimento aos projetos atuais, bem como implementando novas ideias a fim de



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*ACERVOS ESCOLARES: ESPAÇO DE SALVAGUARDA E PRESERVAÇÃO DO  
PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO*

consolidar o trabalho que vem sendo desenvolvido e assim, permanecer articulando formas de focar a importância de se preservar as memórias educacionais.

## **REFERENCIAS**

BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Org.). **Passados Reconstituídos: campos e cantos da história**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; FGV, 1998.

BOUTRY, Philippe. Certezas e descaminhos da razão histórica. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Org.). **Passados Reconstituídos: campos e cantos da história**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; FGV, 1998.

BURGUIÈRE, André. (Org.). **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.

BRANDÃO, Zaia. A Historiografia da Educação na Encruzilhada. In: SAVIANE, Dermerval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís. **História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual**. Campinas: Autores Associados, 1998.

BRUNO, Maria Cristina de Oliveira. Teoria museológica: a problematização de algumas questões relevantes à formação profissional. In: **Cadernos de Sociomuseologia**. Lisboa, nº10, p. 13-21, 1997.

CHAGAS, Mário de Souza. Pesquisa museológica. In: **Museus Instituição de Pesquisa**. Rio de Janeiro: MAST, p. 51- 63, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. **À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

FRAGO, Antonio Viñao. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. São Paulo: **Revista Brasileira de Educação**. Anped. Set/Dez, 1995.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*ACERVOS ESCOLARES: ESPAÇO DE SALVAGUARDA E PRESERVAÇÃO DO  
PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO*

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Autores Associados. Nº 1. jan/jun de 2001.

LE GOFF, Jacques. (Org.). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

LOPES, Eliane Marta Teixeira e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MAGALHAES, Justino. Um Contributo pra a História do processo de escolarização da sociedade portuguesa na transição do antigo regime. In: **Educação, Sociedade & Culturas**. Nº 5. Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 1996.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte/Brasília: Scientia: UFMG/CNPq/ Argvmentvm, p. 15-84, 2005.

NUNES, Clarice. História da Educação Brasileira: novas abordagens de velhos objetos. In: **Teoria & Educação**. Porto Alegre, Pannonica Editora, 6, 1992. [Dossiê: História da Educação].

NUNES, Clarice. & CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Historiografia da Educação e Fontes**. Cadernos Anped, nº 5, setembro de 1993.

SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. In: LOMBARDI, José Claudinei & NASCIMENTO, Maria Isabel (Org.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas: Autores Associados, 2004.

TAMBARA, Elomar. Centro de Estudos e Investigações em História da Educação [141-146]. In: **Horizontes. História, historiografia e idéias educacionais**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco. Volume 23, número 2, julho/dezembro de 2005.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. História das instituições escolares: de que se fala? In: LOMBARDI, José Claudinei e NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. (Org.). **Fontes, História e Historiografia da Educação**. Campinas: Autores Associados et alli. 2004.

Recebido em: 02/08/2012  
Aprovado em: 13/09/2012